

EST. 5/E
CÓD. 13
PUBLICAÇÕES
MIS/PR

CADERNOS DO MIS N.º 13



HELENA KOLODY
POETISA

Caderno do MIS nº 13

HELENA KOLODY

poetisa

Depoimento de Helena Kolody

Entrevista: Fátima Freitas e Graça Bandeira

Transcrição da fita: Clarisa Yaeko Sugawara

Editor: Valêncio Xavier

Editoração : Antonio Vicente Pereira Filho

Composição: Rita Franco

Foto e reprodução: Claudimar Busatto

ILUSTRAÇÃO DA CAPA: SÔNIA YANANOCHI

CAPA E MONTAGEM: ALLENS E. DE CAMPOS

Responsável pelos Cadernos: Claudia Brito

Museu da Imagem e do Som

Rua: Barão do Rio Branco, 395

fone: (041) 232 9113

CEP: 80.010 - Curitiba-PR

* Pedimos Permuta

APRESENTAÇÃO

Em 21 de dezembro de 1973, a poetisa Helena Kolody gravou um depoimento no Museu da Imagem e do Som do Paraná. Na atual gestão, ao conferirmos o acervo, esse depoimento não foi encontrado. Em virtude disso foi gravado outro com a notável poetisa do Paraná, em 25 de agosto de 1989. Nele, com uma precisão - digamos poética - Helena Kolody pinça fatos de sua vida selecionando tudo aquilo que pode levar um ocasional leitor a entender o porquê e o como a humilde bela menina de Cruz Machado se tornou a grande poetisa nacional que é hoje - a entrevista é quase uma ars poética. Por isso mesmo achamos mais do que importante lançar este caderno.

Durante a preparação, Helena Kolody nos trouxe um texto manuscrito com as perguntas e respostas de seu primeiro depoimento perdido de 1973: outra revelação! Como as perguntas foram passadas previamente, ela tomou o cuidado de anotá-las e responde-las antes da gravação da entrevista. Então, de repente, o MIS tem nas mãos dois depoimentos de Helena Kolody separados pelo espaço de 16 anos. Um, pensado, escrito, respostas para um questionário, porém com o belo texto preciso da poetisa. O outro, respostas de viva voz a perguntas imprevistas: a poesia nascendo no nascer da fala. É claro que tínhamos de editar os dois textos e são eles que o leitor tem agora nas mãos: o verso memória da mais bela poetisa deste Brasil hoje.

Valêncio Xavier

C Ó D I G O S

...	-	pausa
/ /	-	outra pessoa interrompe a fala
(?)	-	inaudível

Agradecemos à CRIAR EDIÇÕES a permissão para reproduzir os poemas de HELENA KOLODY.

1) Local e data do nascimento

I

Nasci a 12 de outubro de 1912, às 8 horas da manhã de um dia de geada forte e muito sol. Isso aconteceu no recém-fundado núcleo colonial de Cruz Machado, em pleno sertão paranaense. Estava sendo aberta a 1ª estrada naquela região e meu pai trabalhava como agricultor prático, sob as ordens do Sr. Artur Martins Franco, que era o engenheiro responsável por aquela obra. Nasci num ranchoinho de chão batido, feito de tábuas toscas, morada provisória de meus pais. Embora de sangue eslavo, nasci como uma índia e orgulho - me disse. Antes de avoecar, milhares de pássaros se punham a gorgoritar; eu me acordava e ficava ouvindo aquele canto. Impregnei - me de natureza desde os primeiros dias de minha vida. Talvez, isso explique o aspecto telúrico de muitos de meus poemas.

2) Nome dos pais

Meus pais nasceram na Ucrânia, embora viessem a se conhecer no Paraná. Meu pai, Miguel Kotoly, nasceu na parte da Ucrânia chamada Galícia Oriental, em 1881. Tendo perdido o pai na grande epidemia de cólera que assolou a Ucrânia em 1893, no ano seguinte emigrou com a mãe e os irmãos para o Brasil.

Mamãe, que em solteira se chamava Victória Izandrowska, também nasceu na Galícia Oriental, em 1892, e veio para o Brasil em 1911, já um bruto de 18 anos. Você radicou - se em Cruz Machado. Foi Miguel conhecido Sr. Vitoria e apaixonou - se à 1ª vista. Casaram - se em janeiro de 1912.

Eu sou a primogênita do casal e a 1ª brasileira em minha família.

Os negros, como os escravos em geral, têm muita capacidade de adaptação. Logo assimilam os usos e costumes de novo ambiente e frequentemente se casam com pessoas de outras raças.

Mamãe está com 81 anos e considera-se brasileira. Como tantos brasileiros que nunca dizem não sua pátria. Sempre nos disse: a terra de meus filhos é a minha pátria.

3- Onde passou a infância?

Quando eu contava apenas 1 ano de idade, meus pais mudaram-se de Cruz Machado. Passei a infância em Três Barras (vila na região do Contestado) e, mais tarde, em Rio Negro, onde cursei o Grupo Escolar Barão de Antonina, na época um dos melhores do Paraná.

O poema Infância conta o que foi minha vida em Três Barras.

Nesse poema, expressei a despreocupação, a alegria de ser criança. Mas, nem tudo eram rosas. Sempre participei muito nas aflições de meus pais. Papai era pequeno comerciante. Quando começou a fracassar, seu sofrimento calou fundo em minha sensibilidade. Reminiscência.

4) Como Três Barras só possuía 1 escola isolada, fui morar em Rio Negro, em casa de minha tia Rosa Kobry Procopiak, professora do Grupo Escolar. Era o tempo da reforma escolar realizada pelo Prof. César Prates Martinez e o Grupo Escolar Barão de Antonina contava com um ótimo corpo docente. Isso me deu uma boa base de ensino elementar, alicerce de qualquer estudo posterior.

Como sempre, a beleza da paisagem me encantou. Eu amava o largo rio de águas mansas que separa Rio Negro de Mafra.

Essa rio aparece em numerosos símbolos e sinérgicos, em meus textos. Ex. Rio de Trânsito. Terminei o primário em 1922, ano do Centenário da Independência.

5) Quais os cursos que tem e onde os fez?

Sou uma simples professora normalista e tenho muito orgulho disso. Cursei a Escola Normal de Curitiba (atual Instituto de Educação), diplomando-me em 1931.

6) Algum curso no exterior?

Eu amava tanto meu trabalho de professora e meus alunos que nunca tive coragem de deixá-los para fazer cursos no exterior.

7) Quando e onde iniciou sua vida pública?

Comecei a trabalhar no Grupo Escolar Barão de Antonina, de Rio Negro, em 1932, no mesmo Grupo em que aprendera as 1.ªs letras. Já em 1933, fui convidada a trabalhar no curso normal, tendo lecionado nas Escolas Normais de Ponta Grossa, Jacarizinho e Curitiba. Já no Instituto de Educação da Capital, lições cerca de 23 anos.

8)

O magistério e a poesia são as duas asas de um ideal.

Escolhi o magistério, levada pelo impulso irresistível da vocação. A poesia foi um imperativo psicológico. Desde criança, amei a poesia. Gostava de decorar os versos de meu livro de leitura; procurava cantá-los com a música dos hinos escolares: era um brinquedo fascinante. No aborrecer da adolescência, que é como um novo nascer, senti necessidade de fazer versos, mesmo sem saber fazê-los. Nunca os mostrei a ninguém. Mais tarde, destruí-os, o que hoje lamento.

IV) Portanto, a poesia nasceu em mim antes da professora.

Mas, foi ao magistério que dediquei os melhores anos de minha vida. Lecionei com prazer e entusiasmo. Amei os alunos como se fossem meus irmãos, meus filhos. Muitas de minhas melhores amigas de hoje, foram minhas alunas. Como você.

9) Como explica que sua poesia tenha-se tornado hermitica?

Comparada com a de outros poetas modernos, minha poesia nada tem de hermitica. É, até, muito clara e direta. ^{mais explicada; não exige mais participação do leitor.} ~~mais~~

Com o correr do tempo, meus versos tornaram-se mais densos de conteúdo. É uma consequência natural de minha própria evolução. Eu mudei. A poesia, que é expressão de vivência, modificou-se também.

Nos primeiros livros, os poemas eram mais espontâneos, mais descritivos ou narrativos, com vivas tonalidades emocionais.

Aracária - Rio de Planície - ^{Cantões sem nome} ~~Cantões~~ - Abismal

Até hoje, é a poesia ^{poeta fase} que mais agrada ao leitor, que a entende sem esforço e com ela facilmente se identifica

Com o amadurecimento, alargaram-se os horizontes culturais, ~~assim~~ adquiri recursos técnicos que anteriormente não conhecia. Houve maior conteúdo emocional e maior despojamento. P. Ex.: Sonhar é um soneto cheio de adjetivos e de rimas pobres. Calendoscópio, do meu último livro, é essencial. Em criança, gostava de brincar com calendoscópios; muitas vezes, tentei conseguir outra vez um desenho que me encantara. 50 anos mais tarde, essa experiência aflorou como símbolo da vida transitória e irreversível)

V) 10) Ha' um fio filosófico ligando todos os seus livros ^{Creio que sim.}

Foi diverso no conteúdo e na realização, ha' em todos eles certos temas constantes: a certeza da eternidade e o consequente sentimento de exílio; a transitoriedade da vida e a urgência do tempo. Advertência - Exílio (os 2 poemas) - A sombra no Rio (só a 1ª estrofe).

Aparece com frequência o tema da Solidar (Solidar), do valor sagrado da vida (final de Identificações); E nada achei mais doloroso, mais eloquente, mais grandioso do que a tragédia quotidiana escrita em cada vida humana.

A vivência religiosa é, para mim, de valor capital e transparece em todas as minhas obras. Prece - Sax e Ardeute

11) Sua poesia reflete diversos sentimentos em diversas fases ^{Quais?}

O poeta é uma antena sensível, captando seus próprios sentimentos, bem como os acontecimentos do mundo que lhe foram e sensibilizáveis.

Desde Paisagem Interior, "identifiquei-me com a alegria do venturoso e delizei dolorosamente na lagrimeira do infeliz".

Nos primeiros livros, há mais poemas sentimentais. Ex. Cantões Abismal.

Em Minuca Submersa, livro escrito no tempo da 2ª guerra mundial, tenho poemas referentes à desumanidade da guerra.

Ampulheta da hora presente - Visão Apocalíptica - Siguetá Oferecida.

12) Quantas ^{foram} obras publicadas?

Tenho 11 livros, todos de poesia. (ver na relação)

Esses, 4 são coletâneas ou antologias. Dos 7 originais, 3 foram publicados entre 1941 e 1951: Passagem Interior, Música Submersa e A Lombra no Rio. Depois, passei 13 anos sem escrever um livro novo. Esse intervalo de silêncio dividiu minha poesia obra em duas fases bem distintas. A primeira, mais lírica, a 2ª, mais filosófica.

~~De vida breve em diante, ou seja, a partir de 1964, acentua-se a sensação de êxito, a preocupação~~

Era Espacial é um livro diferente dos outros. Nasceu do impacto causado pela conquista da lua e da fascinação pela grandiosidade do Cosmos. Ao mesmo tempo, resalta a angústia da condição humana na era da tecnologia e da eletrônica. Muita gente não gosta desse meu livro. lua Profanada - Maquinonum

Tempo, meu último livro é o mais denso. Os poemas reduzem-se ao essencial. Na primeira parte, referem-se ao mundo atual; na 2ª ao tempo subjetivo. Juventude (burdeiros de um mundo conturbado. os jovens corajosamente se lançam à conquista de um mundo melhor) Trânsfuga o problema dos tóxicos; Intivos cibernéticos é um epigrama sobre o encanamento das máquinas, que escravizam o homem.

Na 2ª parte estão Lombra no muro, um poema de 4 versos em que expresse a impossibilidade de atingir o ideal.

Ser - Retorno - Divéncia

13) Decorrente de sua experiência, que mensagem gostaria de legar às gerações futuras?

Meu instrumento de arte e de trabalho, ^{sempre} foi a palavra. Apreendi a conhecer o poder extraordinário que a palavra tem e adquiri consciência da responsabilidade que a palavra gera. Ela tem um valor presente e um alcance futuro incalculável. Quantas vezes, depois de muitos anos, vem uma aluna dizer-me: "A senhora não sabe como tal coisa que me disse influir em minha vida?"

O que dizemos deixa marcas indeléveis na inteligência e na sensibilidade dos outros. A palavra tem um poder que nem sempre sabemos usar, e muitas vezes usamos mal. São as palavras que decidem a sorte dos homens e o destino das nações.

Que a nossa palavra esclareça, encoraje, console, encaminhe. Seja uma luz no mundo, um instrumento de paz e de fraternidade.

F- Museu da Imagem e do Som, Curitiba 25 de agosto de 1989. Entrevista com Helena Kolody, poetisa Paranaense. Dona Helena, nós queremos que a senhora fique a vontade pra falar sobre sua vida, da sua poesia sobre o magistério /Hã, hã./ Nê. Para ficar como documento no Museu da Imagem e do Som.

H- É uma alegria estar conversando com você. Então, vamos ver se eu começo dizendo o seguinte: que a infância é muito importante na vida da gente. E eu passei a infância em diversos lugares. Nasci em Cruz Machado a 12 de outubro de 1912, mas não conheço a minha terra, porque sai de lá com menos de dois anos de idade. Lembrome bem de Três Barras e de Rio Negro. Em Três Barras eu vivi de 2 a 7 anos, embora tenha vindo sempre nas férias, no tempo em que eu estudava em Rio Negro. Então, ficou gravada aquela vida feliz, que o mundo era meu, onde eu até com o eco brincava, porque havia um lugar onde havia eco, então eu gritava e o eco respondia duas vezes as coisas nê. E Três Barras, é uma cidade, foi uma Vila que cresceu em torno de uma grande serraria estrangeira chamada "Southern Brazil Lumber and Colonization Company", uma Campanhia que serrou pinhas dos mais ricos bosques de pinhas por mais de 20 anos. / Hã, hã/ E o lugar era dividido em três partes: o lugar onde estava a Serraria chamava-se O Quadro; depois a Vila; onde nós morávamos e Argentina era o lugar onde tinha o teatro que tinha(?) devia de ser uma vida assim meio noturna etc., porque os pais não deixavam a gente passar na Argentina sabe, tinha cinema e tal.

F- Era um bairro?

H- Era um bairro também, eram três bairros. O Quadro tinha grande serraria uma enorme era a maior serraria do Sul do Brasil, talvez uma das maiores da América do Sul. Então tinha técnicos estrangeiros, e os operários como sempre tinham que ser brasileiros, havia mais de 1.000 operários, que moravam em casa de madeira da própria serraria, faziam as casinhas bonitas, quadras bonitas

toda gramada. E até os próprios passeios eram de madeira, feitos bonitinhos de madeira. E a serraria trabalhava noite e dia. A gente ouvia aquele barulho da sepilhadeira, noite e dia; a serragem que eles punham assim fora, jogavam não aproveitavam a serragem, e ela queimava, então de noite era uma montanha de brasa a serragem; e de dia só tinha assim uma fumaça / a noite era uma montanha/ e ra uma montanha de brasa a noite, era bonito de ver. Assim meio cinzento por cima e aquela montanha de brasa. E a Companhia tinha até uma estrada de ferro, e uma máquina zinha que a gente chamava de chaleirinha, porque ela era pequena, que trazia a madeira lá do interior 50Km pra dentro ela já estava serrando pinhais, e a estação vivia praticamente de exportar madeira. A cidade, a vila cheirava madeira, a gente queimava os pedacinhos de madeira, aqueles retalhos; então eu brincava com aquilo de fazer casinha. Etambém eu aprendi a amar a natureza, porque brincava, eu via as flores crescendo, nós tínhamos animais, então brincava não só com os pintinhos quando nasciam, mas também com os porquinhos tão bonitinhos, os terneirinhos tomavam o leite que a mãe tirava diretamente da vaca na canequinha da gente; punha canela por cima, tive essa vida assim bem interior. Tudo, a fruta eu tirava do quintal diretamente plantas e vitaminas. Então a gente corada, sa dia nesta vida assim tão natural, sem defensivos e ao ar livre. Tinha ar puro ainda naquele tempo. Brincava assim ao riacho nos fundos, não no Rio Negro, o Rio Negro passava longe, mais assim tinha, um riachinho, o riacho Três Barras mesmo, era tão estreitinho que a gente pulava por cima das pedras e passava para o outro lado. Brincava, então isso é que eu digo naquela poesia:

Quando eu ficava horas perdida
Olhando a faina das formigas
Que iam e vinham pelos carreiros
No áspero tronco dos pessegueiros

A chuva de ouro era um tesouro, quando floria,
De áureas e abelhas tudo zumbia,
De alfombra flava o chão cobria.

O cão travesso de nome eslavo
(chamava-se Brechco)

O cão travesso de nome eslavo
era um amigo, quase escravo

Merenda agreste,
Leite crioulo,

Pão feito em casa,
Com mel dourado,
cheirando a favo.

A lusco fusco quanta alegria

A meninada toda acorria

para cantar no imenso terreiro

"Mas um dia nossa senhoria..."

"Bom /barqueiro/ bom /barqueiro..."

Soava a canção pelo povoado inteiro

E a própria lua cirandava e ria.

Se a tarde de domingo era tranqüila,

Safa-se a planar em pleno sol,

No campo recendente a camomila.

Alegria de correr até cair.

Rolar na relva como um potro novo

e quase sufocar de tanto rir.

No riacho claro às segundas feiras

Batiam roupas as lavadeiras

Também a gente lavava trapos,

catava limo, topava sapos,

além que susto! Virgem Maria.

Do tempo, só se sabia,

que no ano sempre existia

o bom tempo das laranjas

e o doce tempo dos figos.

H- Então acho que isso descreve, essa poesia descreve a minha vida. É que abre um flash da realidade é a minha infância transfigurada pela saudade. Com 7 anos, eu fui estudar em Rio Negro, porque em Três Barras não tinha escola boa. Eu falei só do Quadro. Eu esqueci, meu pai morava na Vila, na Vila era o comércio, o correio, a escola. Uma escola que era assim, uma sala de aula e a professora era a filha do coletor, que não era professora não era nada, era nomeada por pistolão. E a Argentina, então, era uma parte que a gente não conhecia, sede do teatro etc, e que as crianças não visitavam, meio proibido. E como não tinha escola que prestasse, a minha tia era professora no Grupo de Rio Negro, o Grupo de Rio Negro era um dos melhores no interior do Paraná. Ele tinha uma ótima equipe de professores tanto que Dona América Sabóia, que depois foi chamada aqui, trabalhava lá, Dona Magarida Kirschner foi uma grande professora! Então havia uma equipe excelente de professores, no Grupo. E a minha tia fez questão de me levar, morei com ela 3 anos estudando. Agora eu explico uma outra coisa: eu peguei a Reforma Prieto Martinez.

F- Prieto Martinez?

H- É Prieto Martinez, que era um paulista que veio reformar o ensino no Paraná, Prieto Martinez. Era assim, a gente... se a gente vencesse a série, o ano, vamos dizer naquele tempo, antes do fim do ano a gente passava pra outra série. Quer dizer, era um ensino móvel, era um ensino aberto. Então eram três anos, 1º ano A, 1º ano B, 1º ano C. No 1º ano A, a gente tinha que aprender a ler, até dominar a leitura; no 1º ano B, tinha que dominar a leitura e a escrita; no 1º ano C, tinha que dominar a leitura escrita e a matemática, as quatro operações. Ora, eu em um mês aprendi a ler, eu tinha fome de leitura, eu sempre amei a palavra.

F- Em um mês a senhora aprendeu a ler?

H- É, em um mês eu aprendi a ler, um mês eu então ganhei a minha cartilha! Eu me lembro como era, eu me lembro até do cheiro da tinta, da beleza da Cartilha, da primeira pá

gina como era! Era uma menina e um gatinho e a primeira sentença era em cursivo e não impresso. Uma menina e um gatinho. A menina chama-se Laurita. Eu sei de cor, você veja! Eu tinha 7 anos. Hoje eu tenho 76, eu me lembro desta página.

F- Tem mais de 70 anos.

H- É. Então eu tinha tanta fome de ler, que em um mês eu aprendi a ler, a minha tia era professora, quer dizer mesmo em casa ela tomava a minha lição. Daí eu em três meses passei pra outra... pro 1º ano B até a metade do ano. A minha professora foi Dona Maria da Glória Sabóia, e daí aprendi a escrever também, já dominei a escrita. A minha dificuldade é que eu sou canhota e me obrigaram a escrever com a direita. Então a dificuldade maior era escrever, não era tanto dominar a escrita. Era fazer uma letra legível.

F- E hoje a senhora escreve com a mão direita?

H- Só com a mão direita porque me obrigaram, às vezes eu tenho perturbação de palavras por causa disso. Porque canhoto não deve ser contrariado; o sinistrismo, isso se chama sinistrismo, sinistrose que eles dizem, é usar a mão esquerda, então... e isso é hereditário, então eu tenho os meus sobrinhos, tenho os netos que eles usam a esquerda, desenham etc... um é engenheiro. Mas eu fui obrigada a usar a direita, então isso também que naquele tempo achavam que era capricho da gente. Hoje sabem que é uma tendência hereditária. Como as coisas progridem, não é. Então até a metade do ano aprendi a escrever, a matemática nunca foi meu forte, até hoje prefiro português, línguas, prefiro ciências, por isso que eu fui professora de biologia, porque eu adoro os seres vivos, a coisa mais fascinante.

F- Professora de Biologia.

H- Biologia Educacional. Então no meio do ano eu passei pro 1º ano C e a minha professora foi a Dona Josefa de Almeida Correia, então eu me lembro que ela era melindrosa,

moça ela veio de Curitiba, ela tinha as unhas pintadas, a boca pintada, e eu achava aquilo tudo tão... pensava que nada era natural, como é que podia ser - E a minha tia dizia: não fique reparando na professora, você precisa estudar o que ela ensina. Mas era aquela figura diferente, né, no interior assim tudo, e ela era moça da cidade. Tanto que ela morreu há pouco tempo aqui, ela era bem jovencinha, recém formada. Depois, no 2º ano, eu tive uma grande professora. Quer dizer, o primeiro, os três primeiros anos eu passei em 1921.

F- O primário?

H- O primário em 1920.

F- Num ano a senhora fez...

H- Não, o primário não, os três graus do primeiro ano, depois no outro ano eu fiz o primário, três anos. Depois, no outro ano, eu fiz até a metade do ano o 2º com Dona Verginia Fernandes que foi aqui na Escola Normal. E o 3º que era a Dona Avani Petters, depois ela também trabalhou aqui. E daí o 4º, mas eu comecei a perecar porque, porque me passava, quando eu passei do 2º para o 3º eu tinha dominado bem o primeiro semestre o 2º ano, mas me faltava o 2º. E passei para 3º, me faltava o 1º semestre do 3º. Na verdade estava me faltando um ano de estudo; e daí então eu já não era aquela aluna brilhante. Quer dizer, eu fui uma aluna brilhante no 1º e 2º ano, agora aqui já fui mais ou menos. Daí o quarto eu fiz num ano inteiro, já passei com 4,7 quando faltava 5. Então eu já fui uma aluna das boas também. Mas comecei fácil a 5ª. Eu acho que é por isso que acabaram depois da reforma Prieto Martinez, nunca mais foi assim porque se fazia falta podiam por exemplo fazer classes especiais, mas não dentro das classes comuns, o aluno passando no meio do ano. Depois estive aqui em Curitiba, meu pai se mudou pra cá, meu pai bateu a cabeça também, ele era comerciante, sabe, era estrangeiro, pra cá e pra lá, ele tinha sido comerciante no tempo de solteiro, depois quando ele vendia fiado, o mal do meu pai era vender fiado.

F- Fiado?

H- Vendia fiado, daí já sabe, aquele coração grande! Não se pode ser comerciante com o coração. Ele era comerciante com o coração; então ele teve que fechar o negócio, antes de falir. Esteve aqui em Curitiba, esteve trabalhando, mas também não deu certo, com meu tio, que tinha engenho de erva-mate, mas não deu certo. E eu fiquei, porque tinha me matriculado na Divina Providência; eles foram para Rio Negro e eu fiquei. Primeiro morei com minha madrinha aqui.

F- De batismo?

H- A minha madrinha de batismo que era Azinelli, até es ses dias encontrei com o filho dela, ela era Araci Linhares, Azinelli.

F- Azinelli, italiano.

H- Ela era Linhares. Mas depois eu morei um ano e meio com ela, depois a minha madrinha teve uma tuberculose e faleceu, ela morreu com 28 anos, de tuberculose, daí voltei pra casa, voltei para Rio Negro. Tirei o curso de guarda-livros era então intermediária que, independente o que dá. Ela estava doente, a gente nem entrava no quarto dela. Ela não deixava, ela era tuberculosa.

F- Não podia entrar?

H- Porque ela ficava em casa, ela era tuberculosa.

F- Doença contagiosa?

H- Contagiosa, e daí então fui para Rio Negro pra ficar sem fazer nada, então cursei, tirei uma na escola Dr. Wenceslau Muniz, um curso de Guarda-livros, um ano.

F- O que é guarda-livros?

H- Guarda-livro é fazer contabilidade, escritório, tudo que me ofereceram, eu tinha treze anos naquele tempo.

F- Com 13 anos a senhora fez curso?

H- Eles queriam que eu trabalhasse no Banco, Banco Nacional. O pai disse - Mas que nada, minha filha, que nada, vai estudar, você precisa estudar, você está na idade de estudar, não trabalhar. Então eu tirei meu colégio,

é bom a gente ter uma base de tudo, Fátima, embora a gente não exercite. No colégio, aprendi piano, aprendi pintura, sabe, bordado e benza a Deus! Sabe, fui exímia bordadeira. O piano, eu fiz até o terceiro ano, depois não estudei mais, esqueci tudo, porque meu pai não pôde mais sustentar o piano. Aí, em 27, nós viemos prá cá, minha família toda. Só tocava piano quando estava na casa de minha tia. E desde 27 nós moramos em Curitiba; morava na Rua Itupava; quando nós viemos, a rua Itupava ficava fora do quadro urbano.

F- A Itupava que hoje é Jardim Social?

H- Não! Itupava, que hoje ainda é justamente o Jardim Social, pra lá, o quadro urbano acaba no Grupo Zacarias, na rua Ubaldino do Amaral; que dizer: luz elétrica, água encanada, nem se falava em telefone, telefone naquela época era de luxo, mas luz elétrica, água encanada, calçamento, só até o Grupo Zacarias; como a Itupava começa ali logo a a diante, era uma rua barrenta, tinha um riozinho do lado, sabe, um rio assim todo o comprimento o riozinho, não tinha luz elétrica e não tinha água encanada.

F- Tipo periferia?

H- Tipo periferia, eu estudei ali no núcleo.

F- Foi no Zacarias?

H- Ali no Zacarias não, na Escola Normal, eu já tinha pri mário na época. Então, mas como eu vim, papai se mudou pra cá em agosto e eu não queria perder aquele ano.

F- Isso era em mil novecentos e...

H- Em 27 fui para, 1912 - mas eu já tinha quatorze anos, que eu faço no fim do ano, mas no começo eu tinha quatorze e eu não queria ser mais velha da escola, então, eu quis fazer o curso a vulso; como fiz o primeiro ano a vulso, eu tive de fazer dois, porque a gente se preparava particularmente: a Dona Vergínia Fernandes, essa que foi professora lá no Rio Negro, era uma alagoana inteligentíssima, mas muito, nunca vi uma pessoa tão boa; como ela

sabia ensinar, ela me preparou; então, naquele ano eu fiz o primeiro, não precisava de notas, eram só matérias finais; então, só fiz, parece-me que Geografia, Geografia, não me lembro qual era a outra, não sei se era Física, não me lembro, só duas matérias. Depois no segundo eram mais três e no terceiro ano, depois era mais duro porque eram dez matérias, inclusive tive que fazer, assim avulso de música, de desenho, de gramática. Então estudei particularmente com Dona Josefa Correia de Freitas, música. Estudei desenho com Lange de Morretes, na Água Verde; quer dizer, uma corrida: ia pra cá, ia pra lá, pra me preparar para fazer exame, porque o exame era final, tinha parte teórica; prova escrita e oral.

F- Esse exame acabava com o normal?

H- Daí terminava o curso geral; era, assim, uma espécie de ginásio, antes do profissionalizante. Eram três anos, quer dizer, hoje por exemplo, são quatro e três. Naquele tempo eram três e um e meio, um ano e meio dividido em três semestres, cada seis meses a gente passava ou não passava. Então, 3 turnos de seis meses eu frequentei como aluna, quer dizer, de 1930, de julho de 1930 até dezembro de 31, quer dizer, três semestres. Em cada semestre, tinha outra matéria; tudo de especialização; quer dizer Metodologia de Português, Metodologia de Matemática, Metodologia das Ciências Naturais, Metodologia, mais umas matérias ainda assim à parte, Higiene, por exemplo, não me lembro mais o que. Então, nesses três semestres a gente tinha a parte teórica e a parte prática; todos os dias nós tínhamos estágio e tínhamos prática de ensino.

F- O estágio era para dar aula?

H- Pra dar aula, então, a gente saía com prática mesmo, no fim a gente ainda tomava conta da classe, a professora dizia, hoje você é que vai dar aulas, e a gente dava as aulas todas. Sempre foram exigentes! /Escola de aplicação como hoje é. Não sei como é, hoje talvez não haja tanta prática.

F- A idéia da Escola de Aplicação era para as alunas do normal aprenderem dar aula ?

H- Era para fazerem a prática, ela existia pra isso, então, a gente dava aulas dentro, quando vinha dar as aulas lá de cima, a professora, dava aula que ela determinava e a gente preparava, dentro dos "passos formais." O ensino era "patrascoiano" /Era o quê?/ na forma Patrascoio como é se diz o pedagogo era um argentino se eu não me engano, , eram 5 passos formais. E, fora disso, a gente dava até o que os professores estavam dando, hoje eu estava dando isso a senhora dá, amanhã vai dar tal aula de português, a gente dava, assistia e fazia crítica, fazia crítica pedagógica; voltava-se daquela aula para a sala, quando lembrava a professora, que perguntava: agora, o que vocês acharam da aula? qual é o ponto bom? O que você achou, que princípios pedagógicos? Então, dávamos muita importância à parte prática do ensino; a gente se preparava realmente para o trabalho. E ao mesmo tempo, a poesia já nesse tempo, que desde criança eu amava as palavras, desde aquele tempo em que eu comecei a ler e tudo, eu já amava a palavra e decorava os poemas dos meus livros de leitura e queria cantar; com as músicas também, sempre a literatura se ligava à música.

F- E a senhora lia poesia naquela época?

H- De criança; lia do meu livro de leitura e era uma devoradora de histórias infantis. Havia, naquele tempo, havia uma coleção de uma editora de São Paulo, se eu não me enganar, provavelmente de Tales de Andrade; todas as histórias, as grandes lendas da humanidade, trocadas em miúdos, em livrinhos de capa dura e que tinham na capa uma vozinha contando história para a criança. Então, tudo ilustrado em tricromias; aquelas ilustrações bonitas, papel fino, isso é importante, cria na criança o gosto pela estética, a apresentação do livro, então eu lia assim, O Patinho Feio, a História dos Cisnes Encantados, Simbad O Marinheiro, sabe, todas as grandes, Ali Babá e os 40 ladrões, todas as grandes lendas da humanidade, a Borboleta Amarela, que era

uma lenda chinesa, de todos os povos, principalmente as Mil e Uma Noites, por causa de mil, então a gente viaja va pelo Simbad. Marinheiro tinha uma vontade de viajar e torcia; lá num lugar foi preso, no outro morreu com a mulher, porque a mulher morreu, sabe, que era um outro lugar, os costumes dos lugares, sabe; então, fui uma apaixonada, uma leitora apaixonada; isso é importante para quem escreve, também, porque desenvolve a imaginação, o gosto pela leitura, que hoje também está tão, tão posto para o segundo lugar por causa da televisão; a televisão matou a leitura. E tudo, é necessário, é importante ler, isto é, sempre digo, é muito importante a gente ler; então o meu brinquedo predileto era a leitura; eu fui uma criança assim mais solitária, eu gostava por exemplo de falar sozinha também, entendia falar as coisas, cantava, os meus brinquedos eram tudo de fazer de conta, de inventar coisa; sabe, e brincava também com os outros, tinha aqueles, eu acho que é o meu signo Libra, eu tinha os dois lados, sabe. Gostava de viver sozinha, mas também gostava de brincar com duas, mas não tanto tempo, brincava.

F- Uma hora tinha que ficar sozinha.

H- Tinha, tinha necessidade de ficar sozinha, isso desde, sempre; e hoje ainda tenho. Mas voltando à questão, depois que me formei. Em 31, estudava muito, porque meu pai, também era comerciante lá, teve que fechar a casa de comércio lá na rua Itupava, que era esquina com Sete de Abril, onde tem hoje um posto de gasolina. A gente vinha a pé, amassando lama, trocava o sapato, num comerciante perto do Grupo Zacarias, pra vir de sapato limpo pra Escola.

F- Ahã!

H- Veja quantos quilômetros! Ia e voltava, apê, porque tinha uma verdadeira loucura para estudar. Sempre ameí o curso, sabe, sempre mesmo. E quando eu me formei, em 31, fui para Rio Negro, pra casa da minha tia, porque tinha que ir para o interior; eu não tinha pistolão.

F- Naquele tempo era difícil de seguir...

H- Já consegui, aqui mesmo quando eu quis conseguir, como é que se diz, é ser, não era substituta, tinha outro nome, sei que a gente podia lecionar, ganhava um pouquinho, era adjunta, professora adjunta substituta, Grupo. Fui lá, e ela, não quero contar quem é, e a Diretora diz não, não precisa de ninguém aqui, sabe, e eu não consegui nada, mas foi bom, certas coisas hoje, nessas coisas, embora seja muito católica, sou fatalista. Certas coisas acontecem, para que venham outras melhores. Se eu tivesse sido substituta ia continuar sendo a vida inteira substituta, lá; assim fui nomeada para Rio Negro; e me dediquei, sabe, no começo eu lecionei pra ser nomeada, aliás, fui como adjunta da professora América Sabóia; depois vim, em junho, e fui à Diretoria de Ensino, e digo por que não saiu a minha nomeação? Ah, não sabe, tem que esperar, porque é que não tem vaga, essas coisas, daí fui à Escola Normal, o secretário que era o seu Júlio da Luz, Júlio ele se chamava, que tinha outro que era professor. Então ele disse; olha Helena, vou dar um conselho, você pegue sua certidão de notas, você foi a primeira aluna da turma, você tira nota muito boa lance suas notas, que seu pistolão sejam suas notas, você tire o certificado daquilo, vai sair dois mil réis, disse. Mas eu não tenho coragem de gastar dinheiro do meu pai, sabe, que eu tinha aquele escrúpulo. Mas fale com ele, você vai conseguir, você vai ser nomeada. Daí cheguei em casa, falei com o pai. - Não, minha filha, vai e tire, que é necessário para você, tire, se você precisar. Peguei e fui à Diretoria e juntei a certidão da nota ao meu requerimento. No outro mês, eu estava nomeada. Quer dizer que também eles sabiam fazer justiça, que eu lá em Rio Negro era desconhecida, filha de imigrantes, não estavam sabendo quem era, assim viram pela nota, assim eu sabia dar conta do meu recado. Daí então lecionei até o fim do ano em Rio Negro, e nesse tempo, e essa certidão de nota me valeu depois por diante. Abriu-se uma vaga na

Escola Normal de Ponta Grossa, porque criaram a Escola Normal secundária de Ponta Grossa. E o professor Erasmo, que trabalhava lá, fez concurso aqui e foi nomeado, fez o concurso, veio pra cá lecionar e ficou vaga a cadeira. Como eu tinha sido a primeira aluna, me levaram para lá. Com 20 anos eu era professora da Escola Normal de Ponta Grossa.

F- Da Escola Normal?

H- Da Escola Normal, tinha aluna, as alunas eram mais velhas que eu, porque tinha 15 mais moça do que eu das 60, porque as professoras primárias de toda cidade já era primária, agora transformada em secundária: então, para que ela tivesse o direito de lecionar em Ponta Grossa foi transformada em secundária, então elas eram professoras com 15, 20, mais anos, mais anos de serviço e vieram fazer curso especial; comigo, então o medo que eu tinha! Estudava até meia-noite! Então, mandei buscar livros em São Paulo, no Rio de Janeiro, até, através do Rio de Janeiro, na Espanha. Sobre Escola Nova que não sabia.

F- Era uma : pessoa muito dedicada.

H- Tinha que dedicar, o professor Erasmo lecionava lá, elas tinham sido alunas dele; professoras, com ele, porque ele era Diretor, então é que podia chegar lá sem saber nada, eu estudava muita coisa, deixei de ir em festas etc., só pra estudar. Aquela sempre responsabilidade em ensinar. Mas ao mesmo tempo o amor pelo magistério, aquelas descobertas de coisas novas dentro do magistério. Mas, com isso pode ser feito assim, assim e depois a alegria de ver que aquilo dava certo na prática. Que elas faziam e havia aquele entusiasmo das crianças e tudo de trabalhar, porque era uma Escola Ativa, chamava-se Escola Ativa, onde as crianças, por exemplo: fazer uma redação, não fazia passivamente, então agora você é repórter, era o método de Munch então elas saíam.

F- Método de?

H- Munch. A criança pegava um bloquinho e papel e saía perguntando para professora o que a senhora acha da Escola. Encontrava um na rua, perguntava onde o senhor vai indo, etc. Método de Munch, então fazia uma competição viva, era uma reportagem, e eles se apaixonavam por aquilo; não agora no quadro tô vendo com gatinho, uma menina, não sei o que lá, era uma coisa passiva aquilo, não, daí eles faziam no mesmo que tinham comentado, que tinham mesmo falado com fulano, etc. E quando... e eles comentavam; quando viam, tinham enchido uma página, isso era a composição ou redação pelo método de Munch, manifestação da realidade.

F- Era a forma da Escola Ativa.

H- Ativa. Era forma de aplicar em escola pública. Então, você vê como a gente amava a escola no fundo; ao mesmo tempo já escrevia, então escrevia algum verso.

F- Poesia?

H- Poesia. E dirigia em Ponta Grossa uma página literária no Diário dos Campos.

F- Diário dos Campos.

H- Página feminina, Diário dos Campos; conseguia as redações das outras professoras e etc., não é, elas faziam poesias, faziam as crônicas, etc., era uma página inteira. Em 44, 45 estive um ano trabalhando em Jacarezinho, por causa do clima.

F- Ah! Tá, a senhora tava dizendo que trabalhou em Jacarezinho?

H- Também colaborei no jornal de lá, escrevendo um pouquinho, não muita coisa.

F- Era jornal diário?

H- Não, era jornal semanal, nem me lembro como se chamava o jornal de lá, e aquela vida cultural da escola, você imagine, fazíamos até teatro. Eu tive o topete de levar em Jacarezinho, com os alunos de lá, "Casa de Boneca", de Ibsen.

F- Ibsen naquela época?

H- Eu adorava ler, isso em 1955, eu leio Ibsen desde que comecei a ler autores de teatro. Então levamos o Casa de Boneca e daí não sabia fazer jogo no palco, como se fazia, como se movimentava, tudo, como se conversava, etc. Daí ia, passando uma companhia teatral, pedimos que o diretor visse; então ele explicou como é que fazia o jogo de cena. E como a peça, porque a peça voce começa a fazer, a mulher que se sentia imatura, então ela se separa do marido, naquele tempo ia cair a casa; então uma das alunas, Armanda de Mattos Sabino, que depois foi professora aqui. Ela disse: -Dona Helena, vou fazer a preparação do pessoal pelo jornal; então comecei a preparar pelo jornal, sabe, dando explicação da peça e daquilo.

F- Preparando o público?

H- Preparando o público para assistir a peça do Ibsen.

F- Que coisa mais linda; ela preparou tudo; diariamente ela ia soltando as notas.

H- É, semanalmente, enquanto nós fazíamos a peça, ensaiamos até os domingos; você vê o que é um amor pela escola, quer dizer, dia de semana não ensaiava, porque elas ensinavam de manhã e trabalhavam à tarde, lecionavam. Então aos domingos nos reuníamos, era o Doutor Guido Arzua; que era diretor, ele cedia a sala, e na sala a gente ensaiava a peça. E aos domingos também soltávamos notícias. Quando levamos a peça, o salão estava cheio, assim, o auditório do colégio; aplaudiram a peça e como se compenetraram todos!

F- Então além de vocês ensaiarem, vocês formavam o grupo também.

H- Sou apaixonada pela peça. Tinha um aluno que fazia o personagem, que se chamava de Krogstand, que era o vilão da peça. O pai dele, uma vez, veio falar comigo; - Onde é que se viu! Agora todo mundo chama o meu filho de vilão. Digo: - Mas isso é brincadeira. O seu filho é quem é. (riso). Então essa vivência apaixonada da nossa escola.

F- Essa paixão pelo magistério é também pela poesia?

H- Pela poesia, pela poesia sempre foi; e depois aqui continuei escrevendo e quem divulgava as poesias da gente, em primeiro lugar eu me dava muito com as filhas do seu Júlio Leite, irmão do poeta Francisco Leite. Então, quando eu escrevi "A Lágrima", foi a primeira poesia minha publicada aqui, num jornal, numa revista chamada "O garoto", que era só de jovens, pena que não tenho nenhuma para mostrar; era assim de brincadeira, de estudante de medicina, e o diretor era Rafael de Guarinello que era estudante de medicina, o pai era consul da Itália. E a gente também fazia brincadeiras das poesias modernas, que nunca esqueço. Acho que Fernando Leite, primo da Helvídia, mas ele escrevia com pseudônimo, então diz assim:

A pobre formiga sorriu, (e fiz um soneto
A gente sempre era você só imagina)
A pobre e idiota,
General, marimético, pó de pedra,
Vidro moído, fritadas de compota.

Assim era a primeira estrofe só de brincadeira, de gozação. E um outro então fazendo, que era assim: Já fui, vê esse caçoando de um soneto dos modernos e agora um outro fazendo poesia moderna, mas é humorística diz assim:

O trem descabelado,
louco, dava soco,
E a donzela amarela voou pela janela
Que é feito dela?
E a mãe da moça, que é melhor da roça,
desceu do trem e não chegou a Ponta Grossa.

Então era só brincadeira. Era "O Garoto", uma revistinha.

F- Esse era o tempo da "Pedra no Caminho"?

H- Antes ainda, eu acho que a "Pedra no Caminho" foi de-

pois de 50, isso aqui você é da década de 29 e 30, sabe, do começo do movimento modernista. Então, saiu essa poesia "A Lágrima" ainda com elegia e tal, mais era assim chorosa. "Lágrima Cristina" não estava dentro dessa coisa modernista, nada. Isso o seu Júlio pegou e levou para o seu Chico Leite. O seu Chico Leite. O seu Chico Leite disse: - Essa menina tem muito jeito, professor Júlio, ela devia estudar métrica. Porque ele queria que a gente estudasse métrica. Veja que coisa trágica uma menina de 15 anos escrevendo isso.

F- Sem a senhora ter estudado métrica?

H- Porque eu vivia dizendo, em voz alta, eu decorava os poemas dos outros; eu tenho até hoje um caderno cheio de poemas. A gente tinha, assim, os cadernos que copiava umas das outras e decorava os poemas, habituava o ouvido ao ritmo. E depois, quando eu comecei a escrever, é lógico, eu fiz soneto. O Dr. Rodrigo Junior mandava para a revista "Marinha". A "Marinha" foi uma grande divulgadora dos novos. Mas depois eu aprendi, porque a Iva Mendes Nascimento, que até hoje é uma grande amiga minha, disse ela:

F- Como é o nome dela?

H- Iva Mendes Nascimento. Ela é mãe daquela professora Juril Campelo. É professora, é uma grande amiga minha. Então, ela tinha um primo poeta muito inteligente. Mostrou umas poesias minhas de pé quebrado que eu tinha feito, soneto já, mas de pé quebrado.

F- De pé quebrado?

H- É, pé quebrado quer dizer; não tinha métrica suficiente, tinha rima mas não tinha métrica. Muita gente faz hoje. Assim, quer dizer não contava as sílabas, isto chama de verso pé quebrado. Se todos são de dez sílabas e um de oito, é de pé quebrado em relação aquela métrica tradicional do soneto. E a Iva me deu um tratado de versificação que tenho até hoje, de Olavo Bilac. Quando li o tratado de versificação aprendendo a contar as sílabas, a fazer rima rica, quando eu vi aquilo, me apa-

vorei e desisti de escrever; depois recomecei. Seu Júlio me disse: - Faça soneto, mas nunca faça soneto alexandrino, porque é difícil.

F- Soneto alexandrino?

H- Alexandrino, que tem que ter a cesura: a sexta sílaba sempre é tônica. Só pode ter palavra ou grave ou aguda; nunca pode ser proparoxítona. Quando oxítona ela tem que terminar, quando é paroxítona ela tem que terminar em vogal e outra tem que começar em vogal, então, é, é um torniquete, eu disse: - Agora que eu vou fazer, rigorosamente dentro da métrica alexandrina, quer dizer já era um desafio para mim; tinha que esperar o momento, a inspiração, o motivo vem da inspiração, mas sou e fiz em alexandrino, então em primeiro lugar a "Paisagem Anterior", que agora está nesse último livro, tem numerosos poemas dentro da métrica alexandrina.

F- E depois disso a senhora continuou fazendo poesia metrificada?

H- Fazendo, fazendo, daí fui me libertando, embora eles dissessem que só fizesse soneto, eu já quis fazer mais livre, então, embora fizesse com métrica e rima, eu já fui me soltando, já fazia quatro versos de três, rimando aqui, ali, depois do intervalo, é avaliar tudo, que é assim, já fui querendo me libertar mas não com muita coragem; depois, no segundo livro, já me limitando mais a usar material mais simples e menos exemplares. Eu publicava pelas Escolas.

F- Como é que era isso?

H- Eu tirei o primeiro pela Escola Técnica, que hoje é o CEFET, onde o professor Olavo Medeiros era grande amigo dos poetas, até porque eu falei isso na entrevista, então o professor Olavo era amigo dos poetas. O poeta Rodrigo Júnior disse: - Helena, se você não pode publicar, vai à Escola Técnica, fale com o professor Olavo. Só que os outros tiravam assim, uma página de um jeito, uma página de outro, porque os alunos imprimiam para aprender;

tinha uma página de um jeito, outra com um friso, etc, quer dizer: parecia um mostruário. Daí eu disse: - Olha, professor, eu quero tudo com a mesma letra, sem friso nenhum, tudo com uma letra assim que eu escolhi. - Tá certo, a senhora faz assim - Como é que eu faço? Ele me disse: - A senhora vai lá no T. Janer (que vendia papel) e diz que eu mandei; a senhora compra quantas resmas a senhora puder. Eu pude comprar três resmas de papel. E digo: eu quero o melhor papel que tiver, porque acho que a poesia tem que, ser num bom papel. Daí ele, disse: - Então a senhora pede papel apergaminhado de 40 quilos sem marca d'água. Você vê eu ia entendendo, ia acompanhando a composição do meu livro. Esse papel era um papel acetinado grosso, e eu consegui comprar três resmas, por duzentos mil réis, comprei três resmas, três resmas de 40 quilos. Resma é aquele pacote, assim... Ele daí disse o senhor faz quantos for possível e fez 420 exemplares. Então a primeira edição foi de 420 exemplares.

F- Era um nome só?

H- "Paisagem Interior". Mas eu, queria o livro com capa e eles não imprimiam capa; e com costura, então ele preparou e disse: - A senhora vai lá no Schrappe, que era a Impressora Paranaense, que lá eles fazem. Então eu fui no Schrappe, costuraram o livro e fizeram a capa, que é em preto e branco, capa de Helvídia Leite. Então, paguei mais um pouquinho lá, não sei quanto, para fazer a capa. O livro todo diferente, como eu queria: com a capa, costurado, porque colado não dá para abrir, ele fazia grampeado e colado. E costurado abre o livro assim. Tudo isso eu aprendi com o professor Olavo e fiz, quer dizer acompanhou a leitura do livro desde o começo, desde comprar o papel. Só que daí fiz com papel da escola, porque não podia. Já meu pai tinha morrido. Então o de 45 foi grampeado mesmo, com a capa que o professor Olavo fez assim com uma grega.

F- O que era o grega?

H- Uma grega assim, feita toda trabalhadinha, assim sabe, por exemplo um estilo geométrico, feita assim quadrinho, só o título no meio. "Música Submersa" em 1945. E depois, levei tempo, levava tempo para fazer. Eu sempre mostrei os meus livros ao Dr. Andrade Muricy. Ele morava no Rio de Janeiro, mas sempre estava prestigiando os escritores do Paraná. E eu, através das Leite, a Renée Leite era casada com o David Muricy, fiz amizade com a irmã dele, porque ele era irmão mais velho do primeiro casamento, um casamento que teve dez filhos, então elas eram muito mais moças, ele parecendo um pai para ela, tratava como pai mesmo, acho que era 20, 27 anos mais velho. Então, através delas eu conheci o Dr. Muricy. Mostrava meus livros para ele. Uma vez ele me disse; quando eu fiz A Sombra no Rio; ele me deu dois conselhos. Entrei no concurso com A Sombra no Rio e tirei terceiro lugar, aqui, que fizeram no Centro de Letras. Ele disse; - Helena, você não entre em concurso; se você pode tirar o seu livro, você não entre em concurso. E outra coisa: você vai muito melhor no poema curto, quer dizer, ele não me disse faça assim, não faça. Você quer encomprar e, às vezes, você dilui o poema, ou você repete. Quer dizer, só isso. ele me disse e eu comecei a fazer poesia mais sintética. Depois, através do Paulo Leminski, eu conheci o concretismo e você veja, que ele era muito mais moço que eu.

F- Paulo Leminski?

H- O Leminski, ele foi meu vizinho.

F- Ah! Foi seu vizinho.

H- Daí ele veio: "Dona Helena a senhora já fazia Hai Kai". Em 41 já publicava, por causa da correspondência com uma poetisa paulista chamada Fanny Dupré; foi através dela, uma das pioneiras do Hai Kai, ainda agora eu recebi carta dela de São Paulo. Então, já no primeiro livro eu fiz Hai Kai, porque tinha aprendido com ela, e lia técnica e tudo, mas ninguém ligou. Então a gente se complexa. Só meus alunos gostavam, tanto que eu ganhei dos meus alunos, os quadros com Hai Kai.

F- Gostava de fazer?

H- Gostava de fazer, deixei de fazer tudo isso. Depois, conversando com ele, diz: por quê? Vã fazendo! Ele disse: A senhora foi a primeira aqui no Paraná. Como já sabia fazer Hai Kai naquele tempo.

F- Como é que foi essa amizade com o Leminski?

H- Pois ele, quando morei no edifício São Bernado, ali na rua Dr. Muricy, era mocinho com 20 anos, já era casado, e ele me descobriu no meu prédio, morava lá. - Do na Helena, vim conversar com a senhora, etc... Já escrevia, isso foi na década de sessenta; eu já tinha quase 10 livros e ele vinha conversar comigo; e daí ele me contava daquela necessidade de comunicação, porque ele era uma pessoa comunicativa, embora tivesse assim um jeito meio fechado, ele era uma pessoa carinhosa que não se imagina. Então ele vinha conversar comigo, ele mostrava o que saía, ele tinha nome em São Paulo antes de ter nome aqui, sabe. Me mostrou aquelas revistas do movimento concretista do Haroldo de Campos, lá dos irmãos Campos, onde ele já escrevia, quer dizer, eu lia aquelas revistas do movimento concretista através do Leminski. Então às vezes ele me dizia: - Dona Helena pra fazer Hai Kai eu estou estudando chinês, quer dizer ele estava compenetrado. Ele era de uma cultura extraordinária e também ele queria que eu escrevesse dentro da linha moderna. Eu sou de outra geração, então não posso, eu tenho que escrever à minha maneira. Agora eu amo os livros à minha maneira, cada livro, você pode ver, vai ficando diferente, mais sintético, sempre é uma coloração mais ou menos atual, da época, mas eu sou da outra geração.

F- A senhora lia alguma coisa dele?

H- Lia, eu tenho quase todos os livros dele, daí ele começou a levar para mim os livros dele...

F- Voltando lá, à Helena Kolody (risos). Tá, depois desse tempo a senhora fazia as publicações pelo CEFET?

H- É, depois, quando eu fiz 50 anos, em 1972, os alunos de todos os tempos, inclusive os do SENAI, me ofereceram as obras completas... Eu tinha um livro completo que era "Vida Breve" mas não podia publicar...

F- Parou de fazer?

H- Parou de fazer livros de outros autores, a Escola Técnica, fazia só os livros dos professores de lá. Daí então não podia publicar, tava guardadinho porque eu não queria mostrar, mas sempre tive muito pudor em mostrar para os outros, tanto, que eu nunca fiz lançamento, só depois. Agora que eu tenho editor, ele faz lançamento, antes não fazia. E eu, o primeiro lançamento nem foi desses alunos, e eles eram professores lá do SENAI. Dez alunos meus, inclusive o que era diretor tinha sido meu aluno. E eles falavam às escondidas, com as minhas irmãs. E fizeram um livro que se chamava "Poesias Completas". Dos três primeiro livros, "Paisagem Interior", "Música Submersa" e "Sombras no Rio". Há espaços muito grande entre eles, espaços de 14 anos, entre a "Sombra no Rio" e a "Vida Breve", embora neste instante tivesse publicado coletâneas, vinte Poemas que publiquei para lançar na FIEL, eu fui a primeira a dar autógrafos na FIEL. Fiz uma antologia, mas não eram livros novos; então eles pensavam que eu não ia escrever mais, e me ofereceram uma dedicatória muito bonita dos livros publicados até então. E quando o Lauro foi me levar, ele disse: - Que pena, dona Helena, que a Senhora não tenha livro novo, o Lauro Linhares já morreu, o Lauro Ribas Linhares, ele era o professor lá e chegou a ser diretor. E professores de todos os tempos daqui de Curitiba se reuniram e fizeram uma palestra pra... sabe. Que pena a senhora não tinha um livro novo! É que vocês não falaram comigo. Ele ficou desolado e disse: Então dona Helena vamos fazer o seguinte, a senhora dá esse livro mesmo, nós publicamos pelo SENAI.

F- E esse livro novo, qual é?

H- Era "Vida Breve"... Pelo SENAI, eu não me lembro se

pagava parcela, acho que não gastava quase nada. E publiquei pelo SENAI, "Vida Breve", depois, num só, a "Era Espacial" e a "Trilha Sonora", que é o único livro meu programado "Era Espacial".. que tinha começado e tal aquelas viagens à lua etc... e como escrevia outros poemas que não eram sobre esse assunto, vinham espontaneamente. "Trilha Sonora", é aquela que acompanha o filme, então se você fosse um filme na Era Espacial e outro, Trilha Sonora.

F- Poema?

H- Poemas. Os que eram, assim, sobre a minha vivência e tudo mais. Então foram publicados, assim num livro que de um lado, com dois livros; então um começava do outro lado, e um era de ponta-cabeça para o outro, e no meio tinha o índice.

F- Ah! No meio que era o índice, no meio?

H- É, o índice era no meio.

F- Interessante!

H- Então... quando estava de um lado, um; de um lado, outro, e no meio era o índice. Esses livros gêmeos, foram a "Era Espacial" e "Trilha Sonora". Quer dizer, 14 anos eu tive livros, não dei a luz a nenhum livro, (risos) depois tive dois livros.

F- Era pra ser gêmeos.

H- É. Daí... isso em 63, depois disso, ainda eu publiquei, foi em 1963... em 70. Mas, nesse tempo a minha mãe já estava muito doente. E também já foi publicado ainda pelo SENAI. Ele saiu até sem índice, sem numeração, sem nada, porque eu não pude atender o livro. Ele era bem pequenininho! Chamava-se "Tempo". Então ele era bem pequenininho, não tem capa, não tem nada, eles só fizeram a impressão assim, sem numeração. Isso foi em 70, depois só em 80... você veja como vai secando a veia. Em 80 saiu "Infinito Presente".

F- Em 80 com quem, publicado pela Repro-Set.

H- Quando foi em 1985, me procurou o Roberto Gomes, ele veio me procurar, veja, um catarinense! Da Editora Criar, procurou-me para publicar. Tinha editoras aqui também, mas nunca se interessaram. Daí ele disse: - Dona Helena, eu tenho uma editora assim, assim, será que a senhora não tem algum livro que a senhora queira editar / Criar/ é a Criar. Eu disse eu tenho um livro, mas quanto é que eu vou pagar, ele disse assim: - Não paga nada. Aí eu fiquei assustada porque era a gente que pagava. Só que eu tinha que ceder os direitos autorais. Quer dizer, o livro é dele. Depois a gente... mas ele é muito camarada, é um editor extraordinário; porque quando fizeram camiseta, ele nem ligou. - Então que bom, faz propaganda! - Senão tem que pagar direito autoral. E saiu assim... daí o lançamento e tudo... daí começaram com os livros. Em 85 saiu "Sempre Palavra", depois, em 86, a "Poesia Mínima" e saiu mais uma edição.

F- Daí a senhora começa a ser mais conhecida.

H- ... porque ele mandava para fora quer, dizer... Ontem me telefonou uma que comprou a "Poesia Mínima", em Recife na livraria de lá, quer dizer nunca tinha ido tão longe assim. Eu tenho correspondência também lá do território do Acre.

F- Como foi o primeiro contato com a televisão, foi uma entrevista?

H- Nossa! Nem me lembro mais, faz tempo, Bicho do Paraná, eu acho, eu não me lembro mais quando me entrevistaram há mais tempo, mas acho que foi Bicho do Paraná primeiro. Que agora faz não sei quantos anos. E eu fico muito nervosa, não gosto porque a gente não sabe o que vão perguntar, a gente vai falando ao correr da... eu me esqueço que estão gravando. Então quer dizer que são esses; agora ele tirou "Viagem no Espelho" mas tem aqueles que foi tão água com açúcar. E ainda eu brinquei: - Você faz tudo de trás para frente, quem quiser começa pelo fim. Só que eu só vi o livro pronto, até a capa só vi pronta, só

fiz a revisão do texto; quase desmaiei quando vi tantas fotos, e ainda ele pôs uma poesia embaixo das fotos... porque eu nunca publiquei poesia com foto. E ainda houve também um livro, antes que eu esqueça de falar, que os ucranianos. Eu não me lembro mais em que ano, que é "Poesia Traduzida".

F- A senhora fez tradução desse livro.

H- Eu não fiz, eles é que traduziram pro ucraniano as minhas poesias.

F- Ah! Foi ao contrário, a senhora foi traduzida.

H- Fui traduzida pro ucraniano, então eles têm aqui... mandavam prá Ucrânia etc... Tem poemas sobre... poesias sobre mim.

F- Hum! A senhora teve um tradutor então.

H- É a Wira Wouk, uma amiga minha que é ucraniana.

F- Como é o nome?

H- Wira Wouk, Wira Selanski. Ela escreve com pseudônimo de Wira Wouk, ela é professora da Faculdade de Santa Úrsula, no Rio de Janeiro, é muito culta. E ela é da Ucrânia, veio depois da guerra pra cá.

F- E lá ela traduziu para a senhora.

H- Traduziu para o ucraniano. Eu tenho um livro traduzido. É isso aí. Então agora eu acho que a gente, mesmo que escrevendo uma coisa ou outra, escrevendo poemas, acho que eu não vou publicar. A gente tem que saber parar... depois o que a gente escreve, sempre assim, muito desigual, é que nem como eu digo: é como depois da colheita, que uma papoula nasce aqui, outra ali, mas você pode pegar.

F- São as rosas do seu jardim?

H- São as rosas e os espinhos (risos).

F- Dos espinhos também (risos).

H- As rosas e vamos ver aquelas florzinhas só... também. Nunca a gente está contente com que faz. O que se sonha é muito maior do que se fez.

F- É... mas o sonho não tem que ser sempre numa dimensão maior?

H- Sempre. E isso não seria sonho se não fosse assim, porque ele é uma projeção pra além da gente, sabe que sonho é uma coisa misteriosa, porque que a gente sonha, /F- pois é/ quer dizer, é o exercício da imaginação, a imaginação é que faz sonhar. Eu tenho um poema sobre isso... como é...

No silêncio interior

A alma sonâmbula se põe a bailar

A sombra de seu bailado

Traça leves arabescos

Na face do sonho

E desperta palavras da canção.

É isso, porque a canção nasce daquele bailado da imaginação, um bailado de palavra.

F- Pois é, o que a senhora tem para dizer aos jovens, às pessoas que irão ouvir a senhora hoje, e no futuro, porque esta fita fará parte do acervo do Museu.

H- Eu acho que hoje a nossa vida é muito tecnológica e parece que muita gente se esquece de sonhar sempre, e criar arte, não só pela palavra, porque a poesia é uma arte pela palavra. Toda arte é o exercício da imaginação, é um vó o do sonho. Todo artista sonha viver a palavra. E sonhar é tão importante como raciocinar, quer dizer, a luta pela vida exige um trabalho racional, etc... Mas não esqueçam de sonhar, guardem sempre um pedacinho de paraíso para vocês sonharem e fazerem a sua arte, porque eu não acredito que a gente não tenha; é só descobrir-se. As pessoas, às vezes, não descobrem a sua estrela, como eu digo; Deus dá a todos uma estrela. Uns fazem da estrela um sol, outros nem conseguem vê-la. Então procurem descobrir a sua estrela, que seja da poesia, da pintura ou da música.

F- O que é preciso para descobrir a estrela?

H- Precisá olhar para dentro de si. Dentro de você é que brilha esta estrela, então, hoje muito pouco separa nesse trabalho de introspecção, principalmente na introspecção do sonho, porque o sonhar também é olhar para dentro. Embora você esteja olhando para fora, os olhos não estão olhando para fora, eles estão olhando para dentro. Então um pouco de isolamento também, há uma solidão sadia, é raro que a gente crie na multidão, a gente geralmente precisa estar sô. E hoje as pessoas procuram fugir de si mesmas; e é muito mais trágico ser sô no meio da multidão. É preferível uma solidão vibrante uma solidão tomada de sonhos.

F- Muito obrigada, Dona Helena, foi ótimo fazer esta entrevista (risos).

H- Eu que acho, desculpe as coisas primárias que eu disse, mas eu fui pensando, fui sonhando através das palavras para passar pra você...(risos)

F- Não, mas isso que é bom... (risos)

MIRA
RO!

SOM
RNO

ANÁ
AFO

RA
DS

CADERNOS DO MIS

- 1- O TROPEIRO
- 2- O CADERNO DE DONA SELMIRA
- 3- CACHORRO NÃO! CHICHORRO!
- 4- I FÓRUM NACIONAL DE
MUSEUS DA IMAGEM E DO SOM
- 5- ANTIGO PRÉDIO DO GOVERNO
- 6- CI(S)NE - Lélío Sotto
Maio Junior
- 7- BENTO FALA SOBRE O PARANÁ
- 8- RODOLFO GUERKE, FOTÓGRAFO
- 9- PEQUENO VOCABULÁRIO
INDÍGENA
- 10- TADEU MOROZOWICZ
- 11- O CADERNO DE DONA ISAURA
- 12- FILMES VISTOS E ANOTADOS



A RESTAURAÇÃO DA SEDE DO MIS
TEM O APOIO FINANCEIRO
DA COPEL E DO BANESTADO.

GOVERNO DO PARANÁ

Álvaro Dias

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA

René Ariel Dotti

DIRETORIA GERAL

Danilo Lorusso

COORDENADORIA DE MUSEUS

Ivens de Jesus Fontoura

MUSEU DA IMAGEM E DO SOM

Valêncio Xavier

